



ÉTICA E SUSTENTABILIDADE

Ministério do Meio Ambiente
Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável
Coordenação da Agenda 21
Esplanada dos Ministérios - Bloco B
Sala 756 - 7º andar
70068 - 900 - Brasília / DF
Tel.: 55 61 4009 1142
Fax.: 55 61 4009 1765

site: www.mma.gov.br/agenda21
e-mail: agenda21@mma.gov.br

República Federativa do Brasil
Luiz Inácio Lula da Silva - Presidente do Brasil
José Alencar Gomes da Silva - Vice-Presidente do Brasil

Ministério do Meio Ambiente

Marina Silva - Ministra do Meio Ambiente
Cláudio Langone - Secretário Executivo
Gilney Amorim Viana - Secretário de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável
Roberto Vizentin - Diretor de Gestão Ambiental e Territorial
Sérgio Bueno da Fonseca - Coordenador da Agenda 21

Equipe Agenda 21

1ª Edição

Alexandre Velloso de Faria
Antonio Carlo Brandão
Ariel Antônio Seleme
Ary da Silva Martini
Carlos Felipe Abirached
Dagoberto Silva
Karla Matos
Laura Maffei
Leonardo Cabral
Luciana Chueke Pureza
Marcia Maria Facchina
Maria do Socorro Gonçalves
Michelle Silva Milhomem
Roberto Flores dos Reis
Sérgio Bueno da Fonseca - Coordenador
Ubirajara Fidelis da Silva

Equipe Agenda 21

2ª Edição

Antônio Carlos Brandão
Ary da Silva Martini
Carlos Felipe Abirached
Dagoberto Silva
Daisy Cordeiro
Fabiana Pereira Gomes
Helmo Kolberg Figueira
Karla Matos
Laura Maffei
Leonardo Cabral
Luciana Chueke Pureza
Marcia Maria Facchina
Maria do Socorro Gonçalves
Michelle Silva Milhomem
Sérgio Bueno da Fonseca - Coordenador
Ubirajara Fidelis da Silva

APRESENTAÇÃO

No âmbito da Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB, o Brasil realizou, em abril deste ano de 2006, em Curitiba, a Oitava Reunião da Conferência das Partes (COP-8) da Convenção das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica, e a Terceira Reunião das Partes (MOP-3) do Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança.

Na ocasião, o Teólogo Leonardo Boff proferiu palestra na tenda do Fórum Brasileiro de Organizações não Governamentais e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento – FBOMS (Fórum Global da Sociedade Civil), que sediava a 7ª reunião da Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Brasileira – CPDS.

Como sempre nas palestras de Leonardo Boff, o clima era de encantamento, reflexão, de pausa para a espiritualidade, para algo bem além dos trabalhos e correrias de nosso dia-a-dia.

Mas, naquele dia havia mais sensações no ar. Nas grandes salas muito bem equipadas do Centro de Convenções, onde acontecia a COP e a MOP, autoridades e técnicos de diferentes países discutiam, analisavam e procuravam soluções pactuadas para temas importantíssimos, que tratam - nada mais, nada menos - da vida em nosso planeta.

Nas manifestações do lado de fora, grupos organizados procuravam mostrar como decisões do passado afetam o dia-a-dia. Como decisões do presente podem ser cada vez mais determinantes para a vida, para todos os seres que compartilham este planeta Terra.

Em uma análise posterior ao evento, perceberemos que o contraste entre o “dentro” e o “fora” deu o tom diferenciado na fala de Leonardo Boff. Na tenda lotada as pessoas sentiam que apesar da Rio 92, que aprovou importantíssimas decisões como a Agenda 21 Global e a CDB ainda falta uma boa caminhada para chegarmos à sonhada sustentabilidade. Ainda não conseguimos superar o individualismo; ainda não conseguimos internalizar na intensidade desejada a óbvia necessidade de trabalharmos em parceria, em favor da democracia participativa.

Assim, ouvindo Leonardo Boff afirmar que "...a crise é sistêmica e paradigmática. Que reclama outro projeto civilizatório alternativo se quisermos salvar Gaia e garantir um futuro para a humanidade...", e discorrer sobre uma ética da sustentabilidade, com seus princípios fundamentais e virtudes imprescindíveis, ficou claro que não se pode esmorecer, baixar guarda. É preciso continuar no caminho por um novo projeto de civilização, que busca o desenvolvimento econômico sim, mas subordinando-o às necessidades de justiça social e à preservação e recuperação ambiental. Ficou claro, também, que a aprendizagem, a força presente naquela tenda, precisava ser mais bem divulgada, não poderia ficar restrita apenas aos que ali estavam.

Com isso, surgiu a idéia de transformar a palestra em "Caderno de Debate" e aqui não podemos deixar de mencionar, que ao consultarmos Leonardo Boff ele nos passou, no mesmo momento, o texto que ora publicamos.

Estamos cientes que este é um texto mais para reflexão que para debate. Mas, ao mesmo tempo, o contraste entre o "dentro" e o "fora" da COP 8, que falávamos parágrafos acima, nos levou à conclusão de que estamos precisando refletir, repensar, repactuar novas formas de produção e consumo. No próximo ano será a Rio + 15 e não podemos, mais uma vez, só tratar de números e metas. Precisamos conversar sobre mudanças qualitativas, culturais. Precisamos analisar e divulgar experiências exitosas mundiais que fortaleçam a construção de um novo mundo, sem pobreza, sem miséria, sem fome, em que todas as formas de vida sejam respeitadas; a diversidade cultural preservada e onde as novas tecnologias que visam a promoção do desenvolvimento econômico respeitem a dignidade humana e o equilíbrio socioambiental. Precisamos divulgar experiências de Agendas 21 locais e com base nelas revermos, repensarmos a Agenda 21 Global e, conseqüentemente, a Brasileira. Precisamos rever conceitos, atualizá-los.

Hoje, por exemplo, o termo "desenvolvimento sustentável" vem perdendo seu real significado, acordado na Rio 92. Alguns pensadores chegam a dizer que o conceito está sendo apropriado para justificar a economia de mercado global. Por isso precisamos refletir, retrabalhar conceitos da sustentabilidade que queremos. Readaptá-los às experiências vividas nesses 15 anos. Nossa proposta é procurarmos incluir a dimensão espiritual para a sustentabilidade de nossas tarefas do dia-a-dia.

Então, propomos a leitura deste texto de Leonardo Boff, para qualificarmos nossos debates técnicos, nossas pesquisas e estudos conceituais. Acreditamos que este é um bom caminho para chegarmos mais perto de uma sociedade justa e equilibrada social e ambientalmente, ou seja da bela "utopia da sustentabilidade".

Boa leitura!

Gilney Amorim Viana

Secretário de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável

Sérgio Bueno da Fonseca

Coordenador da Agenda 21

Os impasses da expressão “desenvolvimento sustentável”

Desde o início, porém, a expressão sofreu críticas por causa da contradição que se verificava nos próprios termos da expressão. A categoria “desenvolvimento” é tirada da economia realmente existente que é a capitalista, ordenada pelos mercados hoje mundialmente articulados. Ela possui uma lógica interna fundada na exploração sistemática e ilimitada de todos os recursos da terra para atingir três objetivos fundamentais: aumentar a produção, o consumo e produzir riqueza.

Essa lógica implica numa lenta mas, progressiva extenuação dos recursos naturais, devastação dos ecossistemas e considerável extinção de espécies, na ordem de três mil ao ano, quando o normal no processo de evolução seria algo em torno de 300 espécies. Em termos sociais essa mesma lógica cria crescente desigualdade social, pois ela se rege não pela cooperação e solidariedade, mas pela competição e pela mais feroz concorrência.

Esse modelo hoje globalizado parte da crença de dois infinitos. O primeiro é que a terra possui recursos ilimitados, podemos continuar a explorá-la indefinidamente. O segundo é que o crescimento pode ser infinito e sempre, ano após ano, pode apresentar índices positivos.

Todavia, ambos os infinitos são ilusórios. A terra não é infinita pois se trata de um planeta pequeno com recursos limitados, muitos deles não renováveis, e o crescimento também não pode ser infinito e indefinido porque não pode ser universalizado, pois, como foi já calculado, precisaríamos outros três planetas iguais ao nosso.

Hoje nos damos conta de que o planeta terra já não aguenta a voracidade e a violência do atual modo de produção e de consumo. Alguns analistas como Eric Hobsbown, da parte da história, e James Lovelock, da parte da ciência, afirmam: ou mudamos de rumo ou poderemos conhecer o mesmo destino dos dinossauros.

A crise é sistêmica e paradigmática. Reclama outro projeto civilizatório, alternativo, se quisermos salvar Gaia e garantir um futuro para a humanidade.

A segunda categoria “sustentabilidade” provém das ciências da vida, da biologia e da ecologia. A sustentabilidade significa que no processo

evolucionário e na dinâmica da natureza vigoram interdependências, redes de relações inclusivas, mutualidades e lógicas de cooperação que permitem que todos os seres convivam, co-evoluam e se ajudem mutuamente para manterem-se vivos e garantir a biodiversidade. A sustentabilidade vive do equilíbrio dinâmico, aberto a novas incorporações, e da capacidade de transformar o caos gerador de novas ordens (estruturas dissipativas de Ilya Prigogine).

A Convenção sobre a Biodiversidade de 1993 no seu artigo 10 define assim o uso sustentável dos recursos naturais: “a utilização de componentes da diversidade biológica de modo e em ritmo tais que não leve, no longo prazo, à diminuição da diversidade biológica, mantendo assim seu potencial para atender as necessidades e aspirações de gerações presentes e futuras”. Aqui surge a pergunta: essa concepção, ao meu modo de ver conceitualmente correta, está em conflito com a economia realmente existente. “Desenvolvimento” e “Sustentabilidade” representam lógicas opostas. São termos contraditórios. A expressão “desenvolvimento sustentável” como proposta global para sairmos da crise mundial precisa ser revista.

O “Relatório da Avaliação Ecológica do Milênio” divulgado pela ONU em 2005 apresenta cenários preocupantes: “as atividades antrópicas estão mudando fundamentalmente e, em muitos casos, de forma irreversível, a diversidade da vida no planeta terra. As projeções e cenários indicam que estas taxas vão continuar ou se acelerar, no futuro. É improvável que os níveis atuais da biodiversidade possam ser mantidos globalmente apenas com base em considerações utilitárias” (CF. A Convenção sobre a Diversidade Biológica, Instituto de estudos avançados da Universidade das Nações Unidas, novembro 2005, p.60).

Importa, entretanto, reconhecer que o conceito “desenvolvimento sustentável” pode ser útil para qualificar um tipo de desenvolvimento em regiões delimitadas e em ecossistemas definidos. Quer dizer, é possível existir a preservação do capital natural, vigorar um uso racional dos recursos e manter-se a capacidade de regeneração de todo o ecossistema. Assim por exemplo, é possível, mantendo a floresta amazônica de pé, desenvolver uma manejo tal de suas riquezas naturais que ela mantenha sua integridade, aberta a atender demandas das gerações presentes e futuras. Mas, em termos de estratégias globais que envolvem todo o planeta com seus ecossistemas, o paradigma utilitarista, devastador e consumista imperante produz uma taxa de iniquidade ecológica e social insuportável pelo sistema-Terra.

Em razão dessas constatações sinistras cresce mais e mais a convicção de que a crise não poderá ser resolvida com medidas somente políticas e técnicas. Elas, embora necessárias, são paliativas. A solução demanda uma coalizção de forças mundiais ao redor de uma nova sensibilidade

ética, novos valores, outras formas de relacionamento com a natureza e novos padrões de produção e consumo. Faz-se urgente um novo paradigma de convivência entre natureza, Terra e humanidade que dê centralidade à vida, mantenha sua diversidade natural e cultural e garanta o substrato físico-químico-ecológico para sua perpetuação e ulterior co-evolução.

A exigência de uma nova ética

É aqui que ganha corpo a questão da ética. Como nunca antes na história do pensamento, a palavra “ethos” em seu sentido originário ganha atualidade. “Ethos” em grego significa a morada humana, aquele espaço da natureza que reservamos, organizamos e cuidamos para fazê-lo nosso habitat. A partir dele nos enraizamos, estabelecemos nossas relações e elaboramos o sentimento tão decisivo para a felicidade humana que é o de “sentir-se em casa”.

Ocorre que “ethos” hoje não é apenas a morada que habitamos, a cidade na qual vivemos, o país no qual nascemos. “Ethos” é a casa comum, o planeta Terra. Precisamos de um “ethos” planetário. Como fazer que esta única casa comum que temos para habitar possa incluir a todos, possa se regenerar das chagas que lhe infligimos, possa se manter viva e assegurar sua integridade e beleza?

Essa ética não pode ser imposta de cima para baixo. Ela deve nascer da essência do humano. Deve poder ser compreendida por todos. E praticada por todos sem a necessidade de mediações explicativas complexas que mais confundem do que convencem.

Ela supõe uma nova ótica que dê as boas razões para a nova ética e seus valores. Quero apoiar-me em dois documentos que já recolhem certo consenso oficial. Eles podem ser guias para o tema da ética e da sustentabilidade.

O primeiro é internacional, assumido pela UNESCO no ano 2000: A Carta da Terra. O outro é latino-americano e representa o pensamento de ministros do Meio Ambiente da América Latina e o Caribe, do ano 2002, que leva como título: “Manifiesto por la Vida. Por una Ética para la Sustentabilidad” (México 2003). Se bem repararmos, ambos os documentos têm muito em comum com as Metas do Milênio da ONU. Utilizo livremente as intuições daqueles textos, dando-lhes uma elaboração pessoal.

O pano de fundo é bem expresso na introdução da Carta da Terra: “as bases da segurança global estão ameaçadas”. Esta situação nos obriga a “viver um sentido de responsabilidade universal, identificando-nos com toda a comunidade de vida terrestre, bem como com a nossa

comunidade local”. A situação é tão urgente que obriga a “humanidade a escolher o seu futuro. A nossa escolha é: ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a devastação da diversidade da vida”. Posta esta plataforma, continua a Carta da Terra, “necessitamos com urgência de uma visão compartilhada de valores básicos para proporcionar um fundamento ético à comunidade mundial emergente”.

De uma nova ótica para uma nova ética

Essa ética deve nascer de uma nova ótica. Caso contrário não inaugura o novo paradigma e representaria apenas uma melhoria do antigo modo de viver.

A nova ótica é: “ a humanidade é parte de um vasto universo em evolução; a Terra, nosso lar, está viva (nota minha: é Gaia, super organismo vivo) como uma comunidade de vida única; a Terra providenciou as condições essenciais para a evolução da vida; cada um compartilha da responsabilidade pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e de todo o mundo dos seres vivos; o espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo dom da vida e com humildade o lugar que o ser humano ocupa na natureza”.

Terra, vida e humanidade somos expressão de um mesmo e imenso processo evolucionário que se iniciou há quinze bilhões de anos. Terra, vida e humanidade formamos uma única realidade complexa e diversa. É o que nos testemunham os astronautas quando vêem a Terra lá de fora da Terra a partir de suas naves espaciais: Terra, biosfera e humanidade não podem ser distinguidas, formam uma única e irradiante realidade. Tudo é vivo. A Terra é Gaia, um super organismo vivo. O ser humano (cuja origem filosófica vem de húmus = terra fértil e boa) é a própria Terra que sente, que pensa, que ama, que cuida e que venera. Terra e humanidade possuem a mesma origem e o mesmo destino.

A missão do ser humano, como portador de consciência, inteligência, vontade e amor, é a de ser o cuidador da Terra, o jardineiro desse esplêndido jardim do Éden. Ocorre que na história ele se mostrou, em muitas ocasiões, o Satã da Terra e, em outras, transformou o jardim do Éden num matadouro, para usar uma expressão do grande especialista em biodiversidade, Edward Wilson (O futuro da vida, p.121). Mas sua vocação é ser o guardião de todo ser.

Essa vocação e missão deve ser hoje urgentemente despertada, pois a Terra, a vida e a humanidade estão doentes e ameaçadas em sua integridade. Temos condições de destruir o projeto planetário humano e

devastar grande parte da biosfera. Daí ser urgente um novo padrão de comportamento e de virtudes que nos possam salvar de um destino trágico. Sucintamente como o formulou a Carta da Terra: em todos os âmbitos da atividade humana precisamos “viver um modo sustentável de vida”. Esse é o novo princípio civilizatório, um sonho promissor para o futuro da vida.

Mais que falar de um “desenvolvimento sustentável” importa garantir a sustentabilidade da Terra, da vida, da sociedade e da humanidade. Como bem dizia o manifesto pela vida “Manifesto por la Vida”: “a ética da sustentabilidade coloca a vida acima do interesse econômico-político ou prático-instrumental; a ética da sustentabilidade é uma ética para a renovação permanente da vida, da qual tudo nasce, cresce, adocece, morre e renasce”.

Fundamento de uma ética da sustentabilidade

Apresentemos agora, sucintamente, o que seja uma ética da sustentabilidade. Ela se constrói a partir de quatro princípios fundamentais e se realiza na vivência de quatro virtudes imprescindíveis.

Os quatro princípios de uma nova ética da sustentabilidade

1. *Princípio da afetividade.*

O mais fundamental de todos, pois tem a ver com a estrutura de base do ser humano. Hoje pelas aquisições das ciências da vida, da psicologia do profundo, da moderna reflexão filosófica (Heidegger), a estrutura primeira do ser humano não é constituída pela razão ou logos. Mas pelo pathos - sensibilidade. Ou se quiserem na linguagem recente de David Goleman pela inteligência emocional ou pela razão sensível de Michel Maffesoli. Já Heidegger em sua analítica existencial em Ser e Tempo ensinava: a situação primeira do ser humano é estar no mundo junto com outros e abertos ao futuro. Estamos no mundo sendo afetados e afetando. Somos impregnados de afetividade, de sentimento, de afeto, de emoção e de amorosidade. É daqui que nascem os valores. É aqui que se encontra o mundo das excelências, daquilo que achamos bom ou mau, que nos agrada ou desagrada, que nos fascina ou nos causa repulsa. Da sensibilidade frontal, do pathos nasce o ethos.

Hoje a crise da ética é crise de sensibilidade e de afeto. Somos insensíveis à desgraça da maioria da humanidade que vive em níveis de pobreza e miséria. Mostramo-nos indiferentes à degradação dos ecossistemas, à poluição dos ares e dos solos e à lenta extinção das espécies. Se não suscitarmos o pathos, vale dizer, a capacidade de sentir, de se indignar, de se sensibilizar face aos outros, nenhuma ética é possível ou então predomina a ética utilitarista do indivíduo isolado

buscando sobreviver ou desfrutar sózinho dos benefícios da natureza e da cultura.

Já não sentimos mais e nos fazemos insensíveis a valores, à solidariedade, ao cuidado, à amorosidade e à compaixão, dimensões que não têm preço mas têm valor e dão sentido à nossa vida. É sobre esta sensibilidade que se pode construir uma sustentabilidade duradoura.

2. Princípio do cuidado/compaixão.

Há uma tradição filosófica que remonta de César Augusto e de seu bibliotecário Higinus em sua famosa “Fábula do Cuidado”, que atravessou os séculos até alcançar o maior pensador do século XX, Martin Heidegger, que vê no cuidado a essência do ser humano. Por que? Porque o cuidado é o condicionar prévio a tudo o que possa acontecer ao ser humano. Se não houver cuidado prévio ele não existe nem subsiste, já que biologicamente é um ser carente por não possuir nenhum órgão especializado. Se não houver cuidado não sobrevive nas primeiras horas de seu nascimento, não irrompe a inteligência, não floresce o amor, não realiza sua missão no mundo. O cuidado é um dado ontológico prévio, construtor do humano. A primeira manifestação da sensibilidade e do pathos é o cuidado para com a vida. Toda vida deve ser cuidada senão morre. Tudo o que cuidamos dura mais.

A versão oriental do cuidado vem sob o signo da compaixão. Ter compaixão, no sentido budista, não significa ter pena dos outros que sofrem. É a capacidade de respeitar o outro como outro, não interferir em sua vida e destino, mas nunca deixá-lo só em sua dor. É voltar-se para ele, para ser solidário e cuidá-lo e construir junto o caminho da vida.

O que precisamos hoje é uma ética da compaixão, do cuidado, cuidado da Terra como Gaia para que não sucumba às chagas que abrimos em seu corpo, cuidado da vida, cuidado do ser humano a partir dos que mais estão ameaçados (bem dizia o Presidente Lula que hoje o ser mais ameaçado da criação é o ser humano, condenado a morrer antes do tempo), cuidado dos ecossistemas, cuidado da espiritualidade e cuidado até com a morte, para que possamos nos despedir com gratidão desta vida.

Em 1991, os vários organismos da ONU ligados à preservação do meio ambiente publicaram um texto precioso em duas versões uma acadêmica e outra popular, que trazia como título “Caring for the Earth” (Cuidando da Terra). Um dos eixos articuladores da Carta da Terra é a categoria “cuidado” em todas as suas modulações, do planeta, do sistema vida, do tipo de desenvolvimento e do modo sustentável de viver. O Ministério do Meio Ambiente do governo Luiz Inácio Lula da

Silva, sob a inspiração da Ministra Marina Silva cunhou este lema para qualificar as atividades oficiais “vamos cuidar do Brasil”. A categoria “cuidado” e o “princípio da precaução” têm centralidade na reflexão e na prática do Ministério.

3. Princípio da cooperação.

A cooperação, como princípio para uma ética sustentável, constitui a lógica objetiva do processo evolucionário e da vida. A física quântica e a nova cosmologia tiraram esse princípio a limpo ao afirmar que no universo “tudo tem a ver com tudo em todos os pontos e em todas as circunstâncias”. Todas as energias e todos os seres cooperam um com o outro para que se mantenha o equilíbrio dinâmico, se garanta a diversidade e todos possam co-evoluir. O propósito da evolução não é conceder a vitória ao mais forte, mas permitir que cada ser, mesmo o mais fraco, possa expressar virtualidades que emergem do vácuo quântico, daquele abismo de energia e de possibilidades, de onde tudo sai e para onde tudo retorna. O próprio princípio da seleção natural, proposto por Darwin, só tem sentido dentro de uma força maior e mais fundamental, que preside não apenas os organismos vivos mas todos os seres do universo.

Foi a cooperação que permitiu que nossos ancestrais antropóides dessem o salto da animalidade para a humanidade. Ao saírem para buscar alimentos, não os comiam imediatamente e sozinhos, mas os traziam para o grupo, para distribuí-los solidária e cooperativamente. Somos humanos porque somos seres de cooperação e solidariedade.

Hoje não podemos ser apenas cooperativos e solidários espontaneamente porque esta é a lógica da evolução e da vida, mas devemos sê-lo conscientemente e como projeto de vida. Caso contrário não salvaremos a vida nem garantiremos um futuro comprometido para a Humanidade. O sistema econômico e o mercado não se fundam sobre a cooperação, mas sobre a competição e a concorrência mais desenfreada. Por isso criam tantas vítimas e se mostram cruéis e sem piedade para com populações e países inteiros.

4. Princípio da responsabilidade.

Este princípio foi amplamente discutido pelo filósofo alemão Hans Jonas em seu livro “O princípio da Responsabilidade” (Das Prinzip Verantwortung), publicado pela Editora Vozes, em 2005.

Ser responsável é dar-se conta das conseqüências de nossos atos. Até a invenção das armas nucleares, da guerra química e biológica e da manipulação do código genético podíamos fazer intervenções na

natureza sem maiores preocupações. Hoje a situação mudou radicalmente. Construímos o “princípio da autodestruição” como o chamou Carl Sagan. Temos os meios de destruir a vida humana e desestruturar profundamente o sistema-vida. Podemos pela excessiva quimicalização dos alimentos, pelos transgênicos e pela manipulação do código genético produzir um desastre de proporções inimagináveis, inclusive irreversíveis. Então, devemos assumir nossa responsabilidade por nós mesmos, pela Casa Comum e pelo futuro compartilhado. O princípio categórico é: “aja de forma tão responsável que as conseqüências de tua ação não sejam deletérias para a vida e seu futuro”. Ou positivamente: “aja de tal forma que as conseqüências de tuas ações sejam promotoras de vida, de cuidado, de cooperação e de amor”. É aqui que tem o seu lugar o “princípio da precaução” tão importante nas decisões sobre a manipulação genética de organismos vivos.

Esses quatro princípios poderão inspirar políticas limitadoras de agressões à natureza, ainda dentro do sistema imperante e principalmente funcionam como quatro pilas capazes de sustentar um novo ensaio civilizatório, mais benevolente para com a natureza e a vida.

As quatro virtudes para uma nova ética da sustentabilidade

Não bastam princípios. Precisamos de virtudes, vale dizer, comportamentos e padrões que traduzem os princípios na prática. Vejo quatro virtudes fundamentais para dar sustentabilidade à Humanidade e à Casa comum.

1. Hospitalidade.

Já Immanuel Kant (+1804) colocou em seu derradeiro livro “A paz perpétua”, a hospitalidade como a primeira virtude da república mundial. A hospitalidade é um direito de cada pessoa humana, não só, de cada ser, pois todos somos filhos e filhas da Terra . Temos o direito de ser acolhidos e perambular pelo nosso planeta. Ao direito corresponde o dever de oferecer hospitalidade, pois todos estamos em pé de igualdade sobre o mesmo planeta. Hoje há uma falta criminosa de hospitalidade. São cerca de trezentos milhões que, por guerras, por razões econômicas, éticas e religiosas, estão refugiados ou fora de suas pátrias. As fronteiras dos países opulentos se tornam cada vez mais fechadas e as exigências de ingresso cada vez mais duras. A hospitalidade possui uma dimensão cósmica. Todos os seres, para além de sua utilidade ou não aos humanos, têm direito de continuar a existir, de serem protegidos e terem garantidos seus habitats.

2. Convivência.

Esta é a segunda virtude para a sustentabilidade natural e social. Nós

não existimos – coexistimos; não vivemos - convivemos. A convivência é fundada no conhecimento de que com todos os seres formamos uma comunidade cósmica e biótica. Na verdade, não existe meio-ambiente, mas a comunidade de vida. Todos os seres são portadores de informação, possuem história e seu modo próprio de se conectar com todos os demais. Por isso, são portadores de certo nível de subjetividade. Conviver com eles significa acolhê-los como são em suas diferenças. O limite maior da cultura ocidental, hoje globalizada, é sua incapacidade histórica de acolher o outro como outro; quase sempre o subjugou e até o destruiu; raramente fez do outro um aliado na aventura da vida. Há que se compreender o outro, também os outros seres da natureza como concidadãos que devem entrar em nossa forma de viver. A democracia não pode ser apenas humana, mas também sociocósmica. O pacto social deve ser articulado com o pacto natural, pois só assim faremos justiça à realidade global. A convivência com todos os seres da natureza nos leva a excluir a violência e a utilização meramente egoísta e utilitária dos bens da natureza. Isso não significa que renunciemos ao desenvolvimento necessário para atender nossas demandas. Mas o faremos em sinergia com a natureza e não à custa de sua devastação.

3. Respeito a todos os seres.

Cada ser tem valor intrínseco, tem seu lugar no conjunto dos seres, no interior de seus ecossistemas, revela dimensões singulares do Ser. A maioria dos seres é muito mais ancestral que o ser humano; por isso merecem veneração e respeito. É esta atitude de respeito, tão viva entre as culturas originais, que impõe limites à veracidade de nosso sistema depredador que tem como eixo de sua estrutura a vontade de poder sobre tudo e sobre todos. Quem melhor formulou uma ética do respeito foi Albert Schweitzer (+1965), médico suíço que se dedicou aos hansenianos em Lambarene no Congo. Ensinava: “ética é a responsabilidade ilimitada por tudo o que existe e vive” (Was sollen wir tun, p.29). Como era também teólogo, dos mais eminentes, estendia o valor da palavra de Jesus no juízo final também aos seres vivos mais indefesos: “o que fizerdes a um desses mais pequenos foi a mim que o fizerdes”(Op.cit.55).

Esse respeito pelo outro nos obriga à tolerância, tão urgente nos dias atuais, marcados pelo fundamentalismo e pelo terrorismo. A tolerância ativa implica acolher as limitações e até defeitos dos outros e conviver jovialmente com eles, elaborando formas não destrutivas de resolver os eventuais conflitos.

Sem a tolerância, o respeito e a veneração perderemos também a memória do Sagrado e do Divino, que perpassa todo o universo e que emerge na consciência humana. São valores que darão sustentabilidade à sociedade e à natureza.

4. Comensalidade.

Vale dizer, o comer e o beber juntos. Normalmente a segurança alimentar é entendida antropocentricamente: garantir aos seres humanos o mínimo para a produção e reprodução da vida. Sequer o conseguimos porque cerca de um terço da Humanidade vive faminta ou subnutrida. Mas, pelo fato de constituirmos uma comunidade de vida, dependermos de outros seres para nossa própria vida, e ao mesmo tempo, somos responsáveis pela vida deles, garantindo-lhes o habitat onde encontram sua alimentação.

De que vale sermos hospitaleiros uns para com os outros, convivemos fraternalmente, respeitar e tolerar nossas diferenças se todos estamos morrendo de fome? A comensalidade que outrora nos fez humanos, continua a humanizar-nos na medida em que repartimos os bens da natureza de forma solidária e responsável.

Esses princípios e essas virtudes fundamentam, também, uma nova espiritualidade, vale dizer, uma nova experiência do Ser e do sentido da vida humana. É esta espiritualidade que cria uma aura e uma atmosfera, que fazem com que a ética não decaia no moralismo e as virtudes em imperativos categóricos abstratos.

O resultado final desses princípios e dessas virtudes que fundam a sustentabilidade de toda a vida é a cultura da paz. A paz significa aqui, como bem o formulou a Carta da Terra, “a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, com outras culturas, com outras vidas, com a Terra e com o Todo maior do qual somos parte” (n.16f).

Texto elaborado por Leonardo Boff, teólogo, escritor, membro da Comissão da Carta da Terra e portador do Prêmio Nobel da Paz Alternativo 2001.

Bibliografia:

BOFF, L., Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres, Rio de Janeiro, Sextante 2004.

BOFF,L., Etica da Vida, Rio de Janeiro, Sextante 2005.

BOFF, L., Ethos mundial. Um consenso mínimo entre os humanos, Rio de Janeiro, Sextante 2003.

BOFF, L., Do iceberg à Arca de Noé. O nascimento de uma ética planetária, Rio de Janeiro, Garamond 2002.

BOFF,L.Saber cuidar. Etica do humano - compaixão pela Terra,Petrópolis, Vozes 1999.

COMISSÃO DA CARTA DA TERRA. Carta da Terra. 2000. Disponível em: <http://www.earthcharter.org/files/charter/charter_po.pdf>. Acesso em maio/2006.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Nosso Futuro Comum. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1988. 430 p.

DARWIN, C. A origem das espécies (1859). São Paulo: Martin Claret, 2004. 640 p.

GALANO, C. et al. Manifesto pela vida, por uma ética para a sustentabilidade. 2003. Disponível em <http://www.pnuma.org/educamb/Manif_pela_Vida.pdf>. Acesso em maio/2006.

GOLEMAN, D. Inteligência emocional. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995. 380 p.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo. Vol. I. 13ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. 325 p.

HEIDEGGER, M. Ser e tempo. Vol. II. 13ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. 264 p.

JONAS, H. O princípio da responsabilidade. Adaptado da obra de Hans Jonas, Das Prinzip Verantwortung, 1979. Disponível em: <http://pwp.netcabo.pt/netmendo/jonas%20o_princ%C3%Adpio_responsabilidade.htm> Acesso em maio/2006.

KANT, I. A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 1987. 179 p.

MAFFESOLI, M. O elogio da razão sensível. 2ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001. 208 p.

WILSON, E. O. O futuro da vida: um estudo da biosfera para a proteção de todas espécies, inclusive a humana. edição. Rio de Janeiro: Campus, 2002. 242 p.

ONU – ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. Objetivos do Milênio. 2000. Disponível em: <<http://www.nospodemos.org.br/>>. Acesso em maio/2006.

ONU – ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. Avaliação Ecossistêmica do Milênio. 2005. Disponível em: <<http://www.maweb.org/en/products.aspx>>. Acesso em maio/2006.

PNUMA - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE
Convenção da Diversidade Biológica. 1992. Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/doc_cdb.php>. Acesso em maio/2006.

PRIGOGINE, I. O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: UNESP, 1996. 199 p.

PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, UICN - União Internacional para a Conservação da Natureza e WWF - Fundo Mundial para a Natureza. Cuidando do Planeta Terra, Uma Estratégia para o Futuro da Vida, (tradução de IUCN-UNEP-WWF. Caring for the Earth. A Strategy for Sustainable Living. Ed. Earthscan, 1991. 228 p.) 2ª tiragem. São Paulo: Editora CL- A Cultural, 1992.